

A Comunicação na Educação Ambiental: o personagem Brasileiro contribuindo com o desenvolvimento da consciência ecológica

Jamille Almeida da Silva
Ilza Maria Tourinho Girardi

Resumo

Este trabalho realiza uma reflexão teórica sobre a relação da Comunicação e da Educação, com enfoque socioambiental, utilizando como objeto de análise o “Projeto de Educação Ambiental Brasileiro”. O estudo está orientado pelo objetivo de verificar de que forma a comunicação contribui na sensibilização dos estudantes por meio de ações relacionadas ao desenvolvimento da consciência ambiental. O aporte teórico está embasado em Capra (2003), Carvalho (2008), Freire (1992), Medina (2006) e Wolton (2011), que possibilitam perceber a comunicação e a educação socioambiental como um processo dialógico, relacional e transformador, buscando estabelecer uma cidadania democrática criada pelas mediações sociais. A pesquisa realiza-se através da análise descritiva dos materiais utilizados no projeto ambiental.

1 Introdução

A formação do comunicador social e do educador socioambiental deve permear pelos diferentes campos, fortalecendo a transdisciplinaridade do seu conhecimento, percebendo de forma integrada o todo ao seu redor. A comunicação exerce o seu papel social ao contribuir com as mensagens e práticas comunicadas pela educação socioambiental, buscando o despertar das consciências, as mudanças de comportamento e o entendimento do seu meio social, cultural e natural. Ao estabelecer essa relação, estamos dando espaço para um novo olhar e possibilitando que as áreas da Comunicação e Educação Ambiental favoreçam a emergência de teorias e o aprimoramento de algumas práticas, como também a possibilidade de compreender fenômenos que apenas encontram respostas quando percebidos por múltiplas lentes do conhecimento.

Para isso, nos propomos a realizar uma reflexão teórica sobre a relação da Comunicação e da Educação Ambiental, utilizando como objeto de análise o “Projeto de Educação Ambiental Brasileiro”. Dessa forma, o objetivo deste estudo é verificar de que forma a comunicação contribui na sensibilização dos estudantes

por meio de ações relacionadas ao desenvolvimento de uma consciência ambiental. A pesquisa realiza-se através da análise descritiva dos materiais utilizados na realização do projeto (livro e músicas), pela figura do personagem que estimula as práticas na escola e também com base em questionário aplicado em alguns estudantes do ensino fundamental que já participaram do projeto. Em relação ao aporte teórico, buscamos em Capra (2003), Carvalho (2008), Freire (1992), Medina (2006) e Wolton (2011) embasamentos que possibilitam perceber a comunicação e a educação socioambiental como um processo dialógico, interativo, relacional e transformador, estabelecendo uma cidadania democrática criada pelas mediações sociais.

Salientamos que este trabalho faz parte de uma pesquisa maior, realizada para conclusão de curso na área da Comunicação Social, habilitação em Relações Públicas, da primeira autora, sendo aqui apresentado apenas um escopo do que foi analisado. No entanto, o corpus escolhido nos permite contribuir com os estudos no campo da educomunicação.

2 Contexto da reflexão

Para que se possa compreender o objeto de estudo, entendemos a necessidade de explicar quem é o Brasileco e quais suas características e função. Ele é um personagem infantil criado em 2010, pela escritora Malu Furno, e, desde então, vem realizando diferentes atividades em escolas, eventos de Educação Ambiental e projetos sociais. O Brasileco tem por missão auxiliar nos processos de aprendizagem sobre os cuidados com a natureza e com o meio ambiente. O seu nome une duas importantes palavras: Brasil e ecologia, para formar o “Brasileiro ecológico”. O personagem tem duas características marcantes: os cabelos verdes, que representam sua consciência ecológica e o pensamento no mundo inteiro; e o mapa do Brasil junto ao seu coração, representando o amor pelo nosso país e o respeito às nossas riquezas naturais.

A história do personagem ganhou vida no livro infantil “Brasileco - o início da aventura” (figura 1) e também nas quatro músicas, cujas letras buscam o divertimento das crianças ao mesmo tempo em que reforçam o seu sentimento e comprometimento com os cuidados com a natureza, com os animais e com o meio ambiente.



Figura 1 – Livro infantil Brasileco – O Início da Aventura

Outra ação importante é quando o Brasileco sai do livro, em formato humano, na figura de um boneco que se move e interage com as crianças, divertindo e motivando ainda mais a participação e o engajamento todas. Aqui há um estreitamento de laços afetivos com o personagem. Assim, o personagem Brasileco se torna um auxiliar motivador no ensino e aprendizado sobre o sentimento de cidadania e o compromisso socioambiental com todos os seres que habitam no nosso planeta, em especial com crianças das séries iniciais do ensino regular.

3 A perspectiva crítica da educação ambiental

Sabemos que a educação ambiental (EA) nasceu, como uma de suas funções, para alertar a população sobre o uso excessivo e descuidado dos bens naturais – água, minérios -, e sobre a degradação do meio ambiente e também para estimular a participação popular em ações ambientais. Com a evolução dos conceitos e a intensidade dos desastres ambientais, a EA assumiu outra postura,

focando em ações realmente educativas - procurando desenvolver uma consciência ambiental por meio de atitudes e comportamentos, que dialogam com outros campos do saber (Carvalho, 2008).

Nessa perspectiva, a autora citada esclarece que surge a prática da educação ambiental crítica, fortalecida pelo processo que tem como horizonte formar o sujeito humano enquanto ser social e historicamente situado. Por sua vez, esse projeto educativo crítico tem raízes nos ideais emancipadores da educação popular, a qual rompe com uma visão de educação determinante da difusão e do repasse de conhecimentos, convocando-a a assumir sua função de prática mediadora na construção social de conhecimentos implicados na vida dos sujeitos.

Freire (2011) contribui com essa reflexão ao afirmar que os sujeitos sociais precisam ser emancipados e autores de sua própria história. E o olhar para educação ambiental permite compreender as relações entre sociedade e natureza e intervir nos problemas e conflitos ambientais. Assim, o educador defende que a educação realizada pelo diálogo é comunicação, desde que não se trabalhe na perspectiva da transferência de saber, “mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam significação dos significados” (p.91). Dessa forma, o diálogo diminui a distância entre educador e educando, favorecendo o poder criativo e o pensar.

No entanto, conforme orienta Carvalho (2008), é preciso que haja uma transformação do olhar, ampliando o campo de percepção dos sujeitos em relação ao meio ambiente e o que está envolvido na sua definição, bem como a sua visão de educação. Por esse caminho, torna-se possível uma (re) aproximação do homem com à natureza e um questionamento sobre a sua posição de superioridade. A autora acrescenta que é preciso analisar essa questão pelo olhar socioambiental, entendendo que “a natureza e os humanos, bem como a sociedade e o ambiente, estabelecem uma relação de mútua interação e co-

pertença, formando um único mundo” (CARVALHO, 2008, p. 36). Possibilita-se o espaço para formação de um sujeito ecológico, que guia a sua existência pela busca da consciência ambiental e o entendimento dos valores e crenças que orientam suas relações com os outros indivíduos.

4 A perspectiva da comunicação

Entendemos que por meio da comunicação é possível modificar (ressignificar) os significados atribuídos para as coisas pelas pessoas, gerando a transformação de comportamentos, valores e ideias. Destaca-se, assim, o poder que a comunicação dispõe para colaborar e aprimorar a atuação e a evolução dos indivíduos no seu meio social. Comunicar, então, motiva novos comportamentos, impulsiona emissor e receptor- ator ao contato direto e possibilita a criação de laços sociais. Conforme Wolton (2011), essa é uma perspectiva humanista do ato de comunicar, priorizando a troca nas relações humanas e as múltiplas funções e características necessárias para isso.

Medina (2006) contribui com essa posição, ao destacar a importância do afeto e do diálogo no processo de comunicação, fazendo com que as relações construídas ultrapassem o eixo sujeito-objeto (eu-isso) para se transformar na relação sujeito-sujeito (eu-tu). Assim, a comunicação e a educação estabelecem uma ligação intrínseca e os sujeitos dessa relação, educando e educador/comunicador, emissor e receptor, ficam livres para atingir ou não uma interação social criadora. Lembramos, no entanto, que, tanto o educador como o comunicador, não podem assumir um papel difusionista, transmitindo conhecimento e informação. É preciso que haja interação e construção coletiva do saber, no qual o caminho é experimentado por todos.

Compreendemos, então, que comunicar está vinculado ao compartilhamento, aos sentimentos e ao amor, entrelaçando as relações

estabelecidas nas diferentes percepções de tempo. Podemos comunicar, assim, utilizando o texto, a voz, as imagens, os gestos e o sorriso, sem esgotar outras possibilidades (WOLTON, 2011). Dessa forma, a relação que se estabelece aqui é a de que informação está ligada à mensagem, enquanto a comunicação envolve relação, troca e negociação.

De acordo com Ainda Wolton (2011), a música é a única forma de expressão capaz de comunicar sem ter que fazer parte da lógica da convivência, indagando a possibilidade dela ser a “única linguagem realmente universal”. O pesquisador aborda essa exceção, ao defender que “a música é um extraordinário veículo de abertura ao outro e um vetor eficaz de tolerância. Como se os homens, incapazes de se escutar, conseguissem, enfim, “ouvir” e “se ouvir”” (WOLTON, 2011, p. 70).

Ao buscar a relação entre comunicação e educação ambiental, encontramos em Capra (2003) a defesa da alfabetização ecológica, na perspectiva do pensamento sistêmico, que nos permite conhecer o saber ecológico e perceber os padrões de organização e as relações que interligam os membros da teia da vida. Ele nos diz que a inclusão das artes (visuais, música, artes cênicas) no currículo escolar, auxiliam a:

Desenvolver e refinar a capacidade natural de uma criança de reconhecer e expressar padrões. Assim, as artes podem ser um instrumento poderoso para ensinar o pensamento sistêmico, além de reforçarem a dimensão emocional que tem sido cada vez mais reconhecida como um componente essencial do processo de aprendizagem. (CAPRA, 2003, p. 25)

Precisamos nos abrir para o lado sensível do conhecimento e entender que apenas com a experiência dos sentidos é que será possível estabelecer relações comunicacionais dialógicas. Essas seriam possíveis respostas para uma

pedagogia da comunicação, acreditando que é pelo diálogo que podemos construir o caminho para termos uma comunicação que gere trocas e reflexões.

5. Afinando o olhar pela análise

Pela análise descritiva dos materiais utilizados no projeto de “Educação Ambiental Brasileco”, o livro e as músicas, além do uso da figura do personagem humanizado e também com base em questionário aplicado para alguns estudantes que já participaram do projeto, destacamos alguns pontos para reflexão.

Ao analisarmos as características físicas do personagem: cabelo, roupas e gestos, e a importância do Brasileco apresentar essas especificidades, podemos afirmar que o personagem consegue estabelecer uma comunicação com as crianças pelo seu corpo. Nas falas dos estudantes, encontramos as seguintes respostas: *“a cor do cabelo dele é verde por que veio da mata”*; *“verde é a cor da natureza”*; *“porque ele tinha a natureza sempre na sua cabeça”*. Em relação a sua importância, eles afirmaram: *“sim, pois assim ele mostra as crianças o amor que ele tem pelo Brasil”*; *“sim, pois ele incentiva as crianças a preservar o meio ambiente”*.

Sobre a identificação que pode ser gerada entre as crianças e o personagem, constatamos que existe esse elo e as respostas são todas relacionadas com atitudes ambientais. Logo, como eles fazem algo de bom para a natureza, aos animais e para as pessoas, eles se sentem Brasileco. Existe, desse modo, uma identificação e também uma admiração pelo personagem. As seguintes respostas contextualizam essa posição: *“ser Brasileco é ser responsável e cuidar do planeta; talvez um dia eu seja uma Brasileca”*; *“eu acredito que ser um Brasileco é acreditar no mundo”*; *“eu acredito que ser Brasileco é ajudar o planeta a ser limpo e saudável”*; *“é ser consciente dos problemas do mundo e ajudar”*.

Sobre o livro, encontramos respostas positivas para sua importância e o papel desenvolvido na educação dos estudantes. Muitos dos entrevistados disseram que aprenderam muito com o livro e gostaram da história. Em relação à música, percebemos que ela possibilita, pela ludicidade, estimular uma consciência ambiental e sensibilizar os jovens. No entanto, notamos que a mesma poderia ser melhor trabalhada e também ganhar mais espaço como o livro, pois certamente a mensagem do personagem se intensificaria no ambiente infantil.

6 Reflexões

Compreendemos que a comunicação é constitutiva da educação ambiental (como da educação com um todo). O educador precisa enxergar que tem na sua frente um sujeito, que deve ser olhado no olho, que tem sua história, suas vivências, seus saberes (mesmo sendo criança), sua linguagem.

É assim que a comunicação se estabelece e pode provocar as transformações que a vida está precisando para que possa existir em sua plenitude e que seus ciclos sejam respeitados e não cortados, atropelados por essa pressa que caracteriza o tempo presente. A vida tem seu ritmo, seu tempo, muito maior que o nosso. A educação ambiental, via um processo de comunicação dialógico, democrático, horizontal, gerador de autonomia, libertador, pode nos ajudar a compreender ou, pelo menos, a respeitar esses outros tempos.

Em relação ao nosso estudo, entendemos que a comunicação estabelecida entre um personagem e os estudantes é capaz de tecer diálogo, troca e experiências. O Brasileco e os materiais se mostraram capazes de despertar a alfabetização ecológica pelo viés de uma pedagogia da comunicação.

Referências

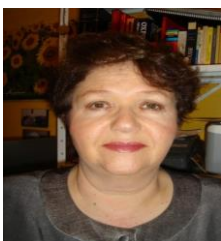
CAPRA, F. Alfabetização ecológica: o desafio para a educação do século 21. In: TRIGUEIRO, André. (Org.) **Meio Ambiente no Século 21**, Rio de Janeiro: Sextante, 2003, p.18-33.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 4. ed. São Paulo : Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. São Paulo: Paz e Terra, 2011
MEDINA, Cremilda. O signo da Relação – Comunicação e Pedagogia dos Afetos. São Paulo: Paulus, 2006.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**; tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2011.

Autores



Ilza Maria Tourinho Girardi possui graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1975), mestrado em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo (1988) e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2001). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Comunicação Ambiental, atuando no: jornalismo, jornalismo ambiental, comunicação e cidadania. Coordena o Grupo de Pesquisa em Jornalismo Ambiental (CNPq/UFRGS). Contato: ilza.girardi@ufrgs.br



Jamille Almeida da Silva é Graduanda em Comunicação Social, habilitação em Relações Públicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tem experiência na área de Comunicação e Educação Ambiental, participando do projeto de “Educação Ambiental Brasileiro”. Integra a coordenação do Curso de Formação de Professores “O Lúdico na Educação Ambiental” UFRGS/MEC. Tem interesse nos temas: comunicação, comunicação ambiental, educomunicação e educação ambiental. É integrante do Grupo de Pesquisa em Jornalismo Ambiental (CNPq/UFRGS). Contato: jamille.almeida@ufrgs.br

